



Curso Introdutório aos Ensinamentos de Krishnamurti

por Iván Maldonado Peña

Aviso

Devo enfatizar antes de mais nada vários pontos importantes a serem considerados. Primeiro, o que se segue é uma apresentação da compreensão do autor e não uma apresentação autorizada por nenhuma das fundações Krishnamurti.

Segundo, o autor não está tentando interpretar as palavras de Krishnamurti, mas sim apresentá-lo a partir de seu próprio ângulo; no entanto, a maior parte do conteúdo não se desvia em sua essência.

Terceiro, para poder apresentar em forma de curso, foi necessário fragmentar o ensinamento de Krishnamurti, o que já implica um desvio da realidade; no entanto, se o estudante tiver isso claro desde o início, então poderá oportunamente perceber todos esses fragmentos como um todo e, portanto, ter uma percepção completa e direta da realidade.

Quarto, embora o que é apresentado seja apenas uma introdução ao ensinamento de Krishnamurti, isso não implica que não tenha a profundidade que caracterizou tal ensinamento.

Introdução

Algo que sempre me perguntei é: para quem foram direcionados os ensinamentos de Krishnamurti? Dizer que foi para toda a humanidade seria um erro. Dizer que foi para os intelectuais também não, porque o intelecto se baseia na memória, que lhe dá uma sensação de segurança da qual ele teria que se livrar antes de entender o que Krishnamurti quer transmitir. Dizer que foi para os religiosos também não, porque suas crenças e tradições os impediriam de ver o que Krishnamurti expõe. Dizer que foi para os políticos também não, porque seu egoísmo não lhes permitiria abrir mão de suas próprias ambições. Dizer que foi para os educadores também não, embora nessas fileiras haja um maior interesse pelo desenvolvimento humano. Dizer que foi para os cientistas também não, embora eles estejam se aproximando lentamente e a passos firmes, por meio da ciência, de comprovar o que sempre esteve um passo além da consciência humana.

Então, para quem é este valioso ensinamento? Penso que é unicamente para aquele que está pronto para recebê-lo. Agora, o que faz uma pessoa estar pronta para receber este ensinamento? Isso eu simplesmente não sei. Mas se você está lendo estas palavras, então certamente é uma dessas pessoas que está pronta e saberá apreciar o que está sendo exposto, mantendo sempre uma atitude meditativa, reflexiva e observadora, e não de aceitação cega do que é dito.

Antes de continuar com este curso, é preciso enfatizar fortemente que o importante não é o que Krishnamurti, ou qualquer sábio, filósofo ou santo, disse, mas sim o que se chega a perceber e a compreender por si mesmo, já que na própria compreensão se encontra a verdadeira liberdade. O resto é apenas acumular informação na memória, que é sempre limitada e, portanto, não pode ser a verdade.

Unidade 1

O Condicionamento, um fator que distorce a percepção da vida

“Sua percepção da vida é moldada por conceitos já estabelecidos em sua mente”

- Krishnamurti

Ao longo de nossa vida, por mais curta ou longa que tenha sido, recebemos uma série de informações, seja através da educação de nossos pais, da escola ou de uma carreira universitária. Somado a isso, temos as experiências que vivemos o tempo todo, sejam elas boas ou ruins, internas ou externas (a maioria mal compreendida). E para complicar, já nascemos com informações genéticas que dependem da região onde nascemos. Tudo isso foi gravado em nossa memória, tanto consciente quanto inconscientemente. Toda essa gravação de informações nos condicionou a agir de certa maneira diante de certas circunstâncias que se apresentam, e assim ficamos presos em um círculo de "a tal estímulo, tal resposta". Portanto, nunca nos deparamos com a vida de uma maneira fresca, sem condicionamentos e sem preconceitos. Esta é a primeira observação que devemos chegar a perceber como um fato.

Se pudéssemos enfrentar a vida de uma maneira fresca, sem condicionamentos e sem preconceitos, certamente conheceríamos a imensidão da vida (não há problema se a chamarmos de Deus). No entanto, a cada passo que damos, nos deparamos apenas com nossos próprios pensamentos, nossas próprias criações, nossas próprias limitações. Então, aqui vem a pergunta: é possível funcionar como ser humano para além de nossos próprios pensamentos, de nossos próprios condicionamentos, de nossas limitações impostas por nosso ambiente?

O verdadeiro problema não é mudar o ambiente, nem os governos. O verdadeiro problema é psicológico, o problema é interno. Aquilo que vemos no mundo exterior a nós é apenas o reflexo do que somos interiormente, é a soma da consciência da humanidade. Portanto, a verdadeira solução começa em compreender o conteúdo de nossa consciência. Aqui vem a grande contribuição de Krishnamurti. Através de suas palestras ao redor do mundo, ele enfatiza a compreensão de nossa consciência, que é em si a mesma consciência para toda a humanidade.

Unidade 2

O conteúdo de nossa Consciência

"O pensamento nasce da experiência e do conhecimento, os quais sempre pertencem ao passado e ao tempo"

- Krishnamurti

Vemos que o método anterior que estávamos utilizando, ou seja, ler livros que dão conhecimento concreto e assim "engordar" a memória, assistir a palestras e conferências com o objetivo de fortalecer nossos conhecimentos, participar de estudos em diferentes grupos, etc., já não satisfaz a visão atual para seguir em frente. No final, percebemos que não há um método rígido, mas apenas indicações. Não há um caminho a seguir, já que nós mesmos devemos criar nosso caminho, e não há um tempo determinado que nos indique a meta, pois esta está além do tempo. A nova percepção da realidade ou iluminação pode chegar em um instante e em qualquer lugar. Mas primeiro, devemos ter trabalhado o suficiente nos conhecendo a nós mesmos, e fazê-lo é basicamente conhecer o conteúdo de nossa consciência.

A maioria das pessoas se contenta com a descrição da verdade, fazendo muito pouco esforço para perceber a verdade de forma objetiva e direta. Para alcançar isso, é necessário um intenso desejo e um grande esforço contínuo, algo que nem sempre estão dispostos a fazer.

Um problema que encontramos especialmente no mundo ocidental é que estamos presos por uma infinidade de obrigações que nos impusemos, deixando muito pouco tempo para nosso desenvolvimento interior. O que precisamos, a princípio, é estabelecer um ritmo onde possamos ter um tempo para nós mesmos e outro tempo para cumprir com nossas obrigações mundanas. No mundo ocidental, ter um tempo de lazer é praticamente malvisto. Amigos e parentes apontariam o dedo para uma pessoa que passasse seu tempo refletindo "sem fazer nada" em vez de estar trabalhando e ganhando dinheiro. Esta é uma das primeiras coisas que temos que vencer e estabelecer em nossa vida: um tempo de lazer onde comecemos a cultivar nossa vida interior, onde comecemos a nos conhecer e a desenvolver a verdadeira inteligência.

Comumente se diz que uma pessoa é inteligente porque tem uma carreira profissional e acumulou bens materiais e uma conta bancária com fundos de

dinheiro suficientes; no entanto, isso é ser astuto e nada mais. O verdadeiro homem inteligente tem a capacidade de distinguir entre o verdadeiro e o falso e a capacidade de descartar o falso. Uma pessoa verdadeiramente inteligente está além de todo sofrimento.

Se nossa televisão tem alguns circuitos defeituosos que não estão permitindo uma boa recepção do sinal elétrico, e se nosso interesse é consertá-la, então teremos que conhecer o aparelho em detalhes. Da mesma forma, nossos veículos de manifestação (ou seja, nosso corpo físico, emocional e mental) são nossos equipamentos com os quais trabalhamos no mundo, e estes não estão permitindo que a beleza dos mundos superiores se manifeste. Então, para "consertar" nosso equipamento, precisamos conhecer em detalhes as forças que agem em nosso mundo, o que significa conhecer o conteúdo de nossa consciência.

Tudo o que somos neste exato momento é o reflexo de nossa consciência. Nela se encontram nossos medos, nossos condicionamentos, nossas alegrias, nossos múltiplos desejos, etc. Tudo o que está fora de nossa consciência simplesmente não existe para nós. Nela se encontra tanto o consciente quanto o inconsciente. O inconsciente é simplesmente não estar consciente das forças dentro de nossa consciência que estão agindo sobre nós. Vemos apenas os efeitos refletidos em nossa vida. No entanto, temos que conhecer e compreender completamente todas as forças que agem tanto do consciente quanto do inconsciente. Embora seja uma tarefa árdua e não rápida, é necessária. Caso contrário, seria como querer consertar nossa televisão de fora, sem abrir a caixa que contém os circuitos.

O autoconhecimento tem níveis infinitos. Isso significa que não é possível terminar de se conhecer, já que simplesmente não somos uma entidade estática, mas sim dinâmica, em constante mudança e evolução (utilizo a palavra evolução com cuidado). Mas o que sem dúvida precisamos conhecer em nós é o conteúdo de nossa consciência. Aqui me refiro especificamente à nossa consciência humana. A compreensão desse conhecimento nos permitirá entrar em uma nova consciência que podemos chamar de consciência da alma ou consciência crística. Sobre essa consciência, Krishnamurti nunca quis falar, porque, como ele bem dizia, "a descrição da verdade não é a verdade".

Entendamos que a consciência não é individual, mas sim única para toda a humanidade. Seja um chinês, russo, indiano, alemão, norte-americano ou latino-americano, todos sofrem, todos buscam o prazer, todos são violentos, todos têm medo, todos baseiam suas vidas em se tornar algo, seja no material ou no espiritual. Todos são condicionados pelas religiões e tradições. E todos perseguem suas pequenas metas de forma egoísta, o que causa isolamento e, portanto, destrói as relações com os outros.

Vejamos como surge ou como se forma a consciência humana. A consciência humana é o produto do pensamento. O pensamento é o gerador de toda a ilusão existente.

O pensamento surge da atividade da memória. Em nossa memória se encontra todo o nosso conhecimento e experiências. A memória só guarda coisas passadas, portanto, o conhecimento e o pensamento sempre pertencem ao passado.

Não é possível que surja algo completamente novo de nossa memória ou de nosso pensamento, tudo o que é aparentemente novo é apenas uma constante modificação do que é velho.

A consciência é o que somos cada um de nós neste momento. Apenas os mais corajosos se atrevem a sair da consciência humana e entrar em uma nova consciência, totalmente nova e distinta, onde esta é regida pela inteligência, pelo amor e pela compaixão.

A única maneira de sair da consciência da humanidade é através da clara compreensão, que é o produto da “Chama da Atenção” e da pura observação.

A consciência contém tudo o que somos e tudo o que experimentamos e percebemos. Nela estão o nacionalismo, as crenças religiosas, nosso nome, nossa reputação, as guerras, a violência, o sofrimento, o sexo, o medo, todas as formas de desejos, o egoísmo, o amor, momentos de felicidade, a dor constante e o egoísmo.

O centro gerador de todo o pensamento e, portanto, da consciência humana, é o “eu inferior” ou “personalidade”.

O “eu inferior” está ativo 24 horas por dia, seja em estado de vigília ou de sono. Ele se fortalece com cada experiência que temos. O “eu inferior” sabe que é mortal e, em sua busca por continuidade, teme a morte.

A morte não é o oposto da vida, é apenas a continuação da vida. A única coisa que desaparece é o corpo físico com sua memória e, portanto, desaparece o “eu inferior”. Então, o que resta?

Qualquer saída, solução ou resposta gerada pelo pensamento, inevitavelmente, levará a maior desordem e conflito.

Um problema interior ou psicológico não se resolve buscando uma solução ou resposta, mas apenas na compreensão do problema. Uma resposta para o problema apenas fará com que nos afastemos dele por um tempo, isso é evasão. O problema continuará lá até que seja completamente compreendido.

O pensamento que é conhecimento é incapaz de ver o mundo de forma holística ou completa, já que o conhecimento, por maior que seja, sempre será limitado. Não importa de qual área se fale, o conhecimento nunca chegará a 100%.

Conhecer a si mesmo é conhecer o conteúdo de nossa consciência, não com o objetivo de eliminá-la, modificá-la ou transcendê-la, porque, no final, quem

traça esse objetivo é o mesmo “eu inferior”, que é o pensamento. Seria apenas outro truque do pensamento.

Conhecer o conteúdo da consciência é simplesmente observá-la e compreendê-la. Quando isso acontece, automaticamente deixamos de ser seres automatizados, condicionados e escravos de nossas próprias criações.

Essa tomada de consciência de nós mesmos é o princípio da inteligência que não tem nada a ver com a inteligência mecânica que a humanidade utiliza atualmente.

Quando há inteligência, o sofrimento desaparece. A terminação do sofrimento é o começo do amor e da compaixão.

Entender o conteúdo de nossa consciência é entender nossos condicionamentos. Na compreensão total de nossos condicionamentos, estes desaparecem, dando lugar a algo totalmente novo.

O conteúdo da consciência é toda a ilusão que o pensamento gera e sustenta. Somente ao compreender toda a ilusão, a verdade aparece sem convite algum.

Não é possível chegar à verdade ou ao eterno tentando compreender a verdade, mas unicamente compreendendo e descartando o falso.

Unidade 3

A Chama da Atenção

"Não existe a ignorância, apenas a desatenção."

- Nisargadatta Maharaj

Se já compreendemos que é primordial conhecer o conteúdo de nossa consciência, então surge a pergunta: como vamos conseguir isso? Através de livros? Não, não é possível fazer isso dessa maneira, nem através de uma análise introspectiva ou psicológica, já que temos que compreender plenamente que nossa vida está em constante mudança, junto com toda a vida que nos cerca. Somente através da observação das pessoas com quem nos relacionamos no dia a dia podemos perceber, nesse mesmo instante, tanto nossas virtudes quanto nossos defeitos, já que cada uma delas é nosso próprio reflexo. Veremos nos outros justamente aquelas falhas que sofremos e aquelas virtudes que possuímos.

Nossa ferramenta para alcançar este objetivo é a Chama da Atenção. Teremos que estar atentos o tempo todo a tudo o que acontece tanto no exterior quanto em nosso interior.

A atenção é uma qualidade ainda não desenvolvida pela maioria da humanidade. Uma mente que não está atenta não conhece o significado da vida, experimenta apenas o conflito e o sofrimento como efeitos que estão fora de seu controle.

Quando há atenção total, há compreensão da verdade; quando há compreensão da verdade, não há conflito nem sofrimento algum. Uma mente que não desenvolveu a atenção gera de maneira inconsciente causas derivadas da falta de conhecimento de si mesmo, dando como consequência efeitos de dor e sofrimento.

A geração de causas inconscientes é o resultado do condicionamento do meio ambiente tanto do passado quanto do presente. Unicamente podemos nos livrar das causas inconscientes quando a inteligência liberar a mente dos condicionamentos passados e presentes do meio ambiente.

A inteligência nasce da atenção pura, já que na atenção total há compreensão do movimento da vida.

Quando há tal compreensão, o condicionamento desaparece e dá lugar à pura inteligência. Não é a inteligência baseada no conhecimento e nas experiências, que são sempre o passado, mas sim a baseada no amor e na compaixão.

Atenção não é o mesmo que concentração. Concentrar-se é direcionar nossa atenção para algo e, portanto, nossa energia vital se dirige para um único ponto. Já a atenção é perceber a vida como um único grande movimento. Quando nos concentramos em um único ponto, negamos o resto da vida e a fragmentamos.

A verdadeira meditação não é provocada, ela simplesmente acontece quando estamos totalmente atentos a todo o movimento de nossa vida.

A qualidade da atenção se desenvolve simplesmente através do estar atento, e a atenção é uma qualidade que, embora esteja além de nossa própria consciência, está ao nosso alcance e disposição.

A maior parte de nossas vidas a passamos em uma completa desatenção. Simplesmente agimos de acordo com as respostas estabelecidas em nossa memória, que é nosso conhecimento e condicionamento atuais.

O sofrimento é apenas um pedido de atenção, quando há compreensão da vida, o sofrimento acaba. O sofrimento é uma ferramenta do Amor. A terminação do sofrimento é o começo do amor divino.

Atenção significa estar atentos a tudo o que ocorre em nosso mundo externo e interno. Nessa atenção, nos damos conta do que somos e do perigo em que nos encontramos.

Atenção significa estar consciente o tempo todo se estamos em pé, sentados ou deitados, se estamos caminhando ou parados, se estamos respirando rápida, lenta ou profundamente, se estamos comendo, se estamos fazendo exercícios, se estamos trabalhando ou descansando. Atenção é estar consciente de que estamos vivos.

Atenção significa estar consciente o tempo todo de nossas emoções e sentimentos. Saber quando surge um desejo, como esse desejo é produzido e como ele se dissipa. Saber quando surge o medo, como esse medo é produzido e como ele se dissipa. Atenção é estar consciente de que estamos vivos.

Atenção significa estar consciente o tempo todo de nossos pensamentos. Perceber o momento em que um pensamento nasce e segui-lo até o seu fim. Perceber nossos próprios condicionamentos mentais e o papel que o pensamento desempenha no condicionamento. Atenção é estar consciente de que estamos vivos.

Um passo importante é perceber que atualmente nossa expressão de vida é apenas o resultado do condicionamento do ambiente passado e presente. Portanto, não somos indivíduos. Somente quando a inteligência liberar a mente do condicionamento passado e presente, então seremos individualidades capazes de caminhar junto a todo o movimento da vida, que é a imortalidade.

A maioria das pessoas está tão viva quanto um computador. Para tal ação, um resultado previamente programado é produzido automaticamente. Apenas uma mente que está desatenta está presa em crenças e tradições. Essas são as mentes mais destrutivas.

Uma mente que está atenta vive o presente de uma maneira fresca, sem feridas do passado e sem ansiedade pelo futuro.

Apenas uma mente que está atenta pode investigar a verdade sem medo de ser enganada pelo pensamento. Quando há atenção, não há movimento do pensamento.

O pensamento é o grande produtor de toda a ilusão e, portanto, de toda a dor e sofrimento. Mas ele sucumbe diante de uma mente atenta.

Somente quando há completa atenção podemos olhar através do véu da ilusão e ver a verdade, ver o que é.

Se algum esforço é feito para estar atento, então isso não é atenção, todo esforço leva tempo e o tempo é produto do pensamento. E não pode haver ao mesmo tempo uma mente que está pensando e ao mesmo tempo atenta. Atenção é percepção pura sem pensamentos.

A atenção é o primeiro passo para se conhecer a si mesmo e também é o último passo para alcançar a libertação final.

Unidade 4

Compreendendo o Condicionamento

*“Nuestra acción se basa en el conocimiento y por tanto en el tiempo.
El hombre es esclavo del pasado”*

- Krishnamurti

Talvez muitos de nós, com um pouco de observação, aceitemos intelectual e verbalmente que nossa mente está condicionada por muitos fatores. Mas outra coisa é compreender de forma direta nossos condicionamentos. Quando há compreensão, há ação imediata, e enquanto houver ação que não seja nascida do intelecto ou do pensamento, é possível nos libertarmos de nossos próprios condicionamentos.

É importante perceber que, enquanto nossa mente estiver condicionada, não poderemos ser livres, entendendo a liberdade não como o ato de fazer o que nos apraz, mas como uma mente livre de todo conflito e, portanto, livre de violência, de prazer e de dor. Somente uma mente livre pode viver no amor.

Nossos condicionamentos começam com nossa educação escolar. Somos treinados a acumular conhecimentos sem compreensão, com o objetivo de que isso nos sirva quando formos adultos para conseguir um emprego e sermos respeitáveis na sociedade. Somos treinados a fazer exames periodicamente e, dessa maneira, a sermos competitivos a tal ponto que a única coisa que importa é "ser melhor" que os outros, sem se importar com todo o sofrimento que causamos a eles e a nós mesmos.

Nossos pais em nossa casa nos dão consciente ou inconscientemente modelos do que devemos ser para que sejamos entes úteis na sociedade, para que possamos obter conforto material, segurança e felicidade; no entanto, uma coisa é o que a sociedade promete e outra é a realidade que experimentamos. Durante toda a nossa vida nos condicionamos mais e mais, e, portanto, nossa mente é cada vez mais estreita e age cada vez com menos liberdade. Estamos condicionados pela religião, pela tradição, por ideias sobre algo, o medo também nos condiciona e nos faz agir ou pensar de certa maneira.

Estamos condicionados por nosso trabalho, por nossa família, por todas as distrações que nos fazem evadir a realidade.

Qual é a raiz mesma do condicionamento? O condicionamento nasce do apego, e, por sua vez, este nasce da evasão da realidade, da evasão de si mesmo.

Uma pessoa evade os problemas por meio da bebida, então ela se apega à bebida e isso fortalece o condicionamento. O mesmo ocorre com a ideia de Deus. Quer se trate da bebida ou da ideia de Deus, ambos geram um apego para evadir a realidade e, portanto, são fatores condicionantes de nossa mente. Não estou afirmando a existência nem a não-existência de Deus. Apenas uma mente livre de todo condicionamento pode descobrir por si mesma a existência de Deus.

Já que a sociedade não foi capaz de resolver o problema fundamental do homem, parece que dia a dia ela está inventando novas e mais sofisticadas formas de diversão e entretenimento, que servem como uma constante evasão da realidade e do conhecimento de si mesmo. Estamos apegados a muitas classes de entretenimentos que nos condicionam. Estamos apegados ao trabalho, aos livros, à Internet, às cerimônias e aos cultos religiosos. Se alguém se apega a um santo ou a um guru, então este se torna o meio para escapar de si mesmo, por isso esse santo se torna algo importante para a pessoa e vem o desejo de se agarrar e possuí-lo. E, portanto, esse santo se torna o fator condicionante e a evasão é o condicionamento. O importante é se dar conta de todas as nossas evasões e nessa compreensão o condicionamento desaparece.

Não se trata de cultivar o desapego, já que este é outro tipo de evasão gerada pela personalidade, ela o coloca como um ideal a ser alcançado e, portanto, é se afastar do que é e ir em busca desse ideal. Isso só causará mais conflitos. Enquanto o pensamento, que é o meio de expressão da personalidade, for o que induz a ação, nunca poderemos estar livres de nossos condicionamentos.

O condicionamento base que é alimentado constantemente pela sociedade desde que nascemos até que morremos é “o chegar a ser”. Se somos gordos, queremos ser magros; se somos pouco inteligentes, queremos ser muito inteligentes como alguém que admiramos; se carecemos de certas virtudes, as cultivamos através de disciplinas; se somos violentos, praticamos a não-violência, o que conduz a mais violência; se sentimos medo, cultivamos a valentia, o que não destrói o medo; se somos pobres, queremos ser ricos e assim sucessivamente. O certo é que nunca estamos contentes nem com o que temos nem com o que somos. O que acontece quando vivemos a vida perseguindo objetivos e metas, quando tentamos nos tornar o que não somos ou tentar obter o que não temos? Se analisarmos, enquanto não alcançamos nossos objetivos, existe o medo de não alcançá-los, esse medo causa um sofrimento tanto psicológico quanto físico. Alguns de nossos objetivos certamente os alcançamos às vezes em pouco tempo e às vezes em muitos anos, mas uma vez conseguidos, são imediatamente substituídos por objetivos mais ambiciosos. Se nos damos conta, nunca estamos livres do condicionamento de conseguir algo ou de nos tornarmos algo, portanto, o medo e o temor nos acompanham ao longo de nossas vidas.

Agora, vivemos em uma sociedade onde é necessário estudar e trabalhar para sobreviver, mas poderemos trabalhar sem nos projetarmos para o futuro e, portanto, sem medo? Sem dúvida, onde há medo não há liberdade e onde não há liberdade não há criatividade, e se não há criatividade, só há mediocridade e pobreza. A sociedade está alimentando constantemente nossos desejos de obter ou nos tornarmos algo. Nossa sociedade é levada pelos desejos e não pela mente racional do homem. Pareceria que unicamente vivemos para satisfazer nossos desejos físicos, emocionais e mentais. Esses desejos nem sequer são gerados por nós, mas são simplesmente aceitos por nós e, como não paramos para observar todo esse movimento, nos deixamos arrastar como se isso fosse o normal, o real. Apenas chegamos a ter consciência do conflito, do sofrimento e da dor ao longo de nossas vidas e, como não os compreendemos, então os evadimos por meio de teorias, por meio das religiões e por meio de toda classe de entretenimentos.

Afinal de contas, quem é que gera os desejos que tanto sofrimento nos trazem? Nosso próprio pensamento, é claro. Quando vemos algo bonito, por exemplo, um carro de luxo, nosso pensamento faz uma projeção de modo que nos vemos possuindo esse carro e tudo o que isso implica, ou seja, subo minha posição social, meus amigos e inimigos me olharão com inveja, o que me dará prazer, as mulheres (ou os homens) notarão minha presença, etc., então surge o desejo de posse e, quanto mais alimento meu pensamento com essas imagens, maior será o desejo e maior será o sofrimento. Então, se o desejo é o mero causador do sofrimento, é possível deixar de desejar? Enquanto vivermos na sociedade, sempre seremos bombardeados por propaganda que nos alimenta constantemente os desejos de “chegar a ser”. Aqueles que renunciam à sociedade e se tornam eremitas ou monges também estão seguindo um desejo, o de serem espirituais e de viverem sem problemas. Em outras palavras, não há escapatória. Como dizem os budistas, para onde você for, está chovendo. Então o foco não está no que fazer para deixar de desejar, mas na compreensão mesma do desejo que é o fator condicionante de nossa vida.

Pode existir o desejo se não for alimentado pelo pensamento? Naturalmente que não. Então, é possível deter o pensamento de modo que ele não alimente o desejo?

À primeira vista, parece que estamos propondo algo incoerente, já que nos damos conta de que nossos pensamentos estão funcionando em nosso cérebro 24 horas por dia, embora isso seja o comum, não é o normal. É como se seu computador estivesse executando centenas de programas com seus códigos entrelaçados de forma desordenada e, por conseguinte, os resultados seriam incoerentes e desordenados, tal como nosso cérebro humano.

Isso é o que está ocorrendo atualmente com a consciência da humanidade, a desordem em seu conteúdo primordial e apenas através do conhecimento de si mesmo é possível estabelecer uma ordem. Mas essa ordem não é estabelecida sob alguma técnica de controle mental nem sob nenhum tipo de indução, mas de uma maneira natural e espontânea.

Unidade 5

Compreendendo o Medo

"O medo surge no mero processo de escapar de 'o que é'."

- Krishnamurti

Conhecer a si mesmo implica observar-se continuamente nas relações com os outros seres humanos, com suas coisas, com seu meio ambiente e com todo o movimento que ocorre em si mesmo, tanto interno quanto externo, esse movimento produzido por seus pensamentos e sentimentos, sem evadir nenhum deles, tampouco condená-los, justificá-los ou compará-los. É necessário que conheçam o conteúdo de sua consciência, incluindo o medo, já que este é precisamente o que não nos deixa observar com plena liberdade.

O medo não é uma entidade independente, mas só existe em relação a algo. Por exemplo, pode-se ter medo do que as pessoas podem pensar de você, medo de não ter o sucesso desejado, medo de perder o emprego, medo de perder a posição social, medo da solidão, medo da escuridão, medo da morte, medo do chefe, etc. O pensamento é o que alimenta o medo; se não há pensamento, então não há medo.

Não se pode dissolver o medo por meio de alguma disciplina, já que isso só criará maior resistência. Não se pode livrar do medo cultivando seu oposto, ou seja, a coragem, porque a própria natureza da coragem é o medo, e quando a mente está presa entre os pares de opostos, só se cria maior fricção e, portanto, maior conflito.

Enquanto houver medo, não existe liberdade. Uma mente que teme a Deus, a blasfemar, ao castigo físico ou psicológico não tem liberdade para ver as coisas com clareza, as coisas como são, não tem a liberdade para ver a realidade interna nem externa. Qual é a causa do medo? Acaso o medo não é a natureza mesma do ego ou personalidade?

A personalidade é o centro mesmo de nossa atual consciência, de onde todo pensamento é sustentado por ela e, por sua vez, todo pensamento sustenta a personalidade.

O medo é unicamente psicológico e é criado quando em nosso interior há dois movimentos contrários. Por exemplo: desejo ser bem-sucedido, mas por outro lado observo milhões de fracassados, o que gera em mim o medo de não conseguir. Quero ser algo, mas enquanto não o consigo, existirá o medo de não consegui-lo. Desejo a permanência do meu "eu inferior", mas observo a morte ao meu redor, portanto, temo a morte.

De modo que há dois movimentos (dualidade) funcionando em meu interior. Um é o movimento que tenta conseguir algo e o outro é o movimento que sempre está temendo que talvez não vá consegui-lo. Novamente, o pensamento é o que gera todo este movimento.

Que coisa gera o medo ou temor? O pensamento é o gerador do medo ou temor, o qual implica um processo do pensamento baseado no futuro ou no passado. Por exemplo: me assusta o porvir, o que possa acontecer; tenho medo de morrer mesmo quando sou jovem; tive uma experiência dolorosa, pensar a respeito me causa temor de que aconteça de novo; quando transito por uma rua escura, me lembro das notícias televisivas sobre a violência nas ruas e isso me causa temor de que algo possa me acontecer. Se alguém compreende todo o movimento do medo, quando surge e como surge, então nesta observação que requer muita atenção e energia, este desaparece para não voltar a surgir jamais.

É preciso entender que a compreensão não é o mesmo que o conhecimento. Alguém pode nos fazer conhecer as causas do medo, mas se não há compreensão através da observação no momento em que está ocorrendo, então nada acontecerá. A humanidade conhece as causas da guerra e toda a dor que esta acarreta a milhares de famílias, mas enquanto não houver compreensão, continuará havendo guerras.

Unidade 6

Compreendendo o Pensamento

"Se o pensamento é capaz de pensar sobre a Verdade, então não será a Verdade. A Verdade é um estado do ser onde a atividade do pensamento cessou."

- Krishnamurti

Uma das coisas mais extraordinárias nesta vida é compreender toda a estrutura de nosso pensamento, assim como o conteúdo de nossa consciência, que é basicamente composta por todos os nossos pensamentos.

O pensamento surge da atividade da memória. Em nossa memória se encontra todo o nosso conhecimento e experiências. A memória só guarda coisas passadas, portanto, o conhecimento e o pensamento sempre pertencem ao passado.

Não é possível que surja algo completamente novo de nossa memória ou de nosso pensamento, tudo o que é aparentemente novo é apenas uma constante modificação do que é velho.

A consciência é o que somos cada um de nós neste momento. Apenas os mais corajosos se atrevem a sair da consciência humana e entrar em uma nova consciência, totalmente nova e distinta, onde esta é regida pela inteligência, pelo amor e pela compaixão.

A única maneira de sair da consciência da humanidade é através da clara compreensão, que é o produto da "Chama da Atenção" e da pura observação.

A consciência contém tudo o que somos e tudo o que experimentamos e percebemos. Nela estão o nacionalismo, as crenças religiosas, nosso nome, nossa reputação, as guerras, a violência, o sofrimento, o sexo, o medo, todas as formas de desejos, o egoísmo, o amor, momentos de felicidade, a dor constante e o egoísmo.

O centro gerador de todo o pensamento e, portanto, da consciência humana, é o "eu inferior" ou "personalidade".

O “eu inferior” está ativo 24 horas por dia, seja em estado de vigília ou de sono. Ele se fortalece com cada experiência que temos. O “eu inferior” sabe que é mortal e, em sua busca por continuidade, teme a morte.

A morte não é o oposto da vida, é apenas a continuação da vida. A única coisa que desaparece é o corpo físico com sua memória e, portanto, desaparece o “eu inferior”. Então, o que resta?

Qualquer saída, solução ou resposta gerada pelo pensamento, inevitavelmente, levará a maior desordem e conflito.

Um problema interior ou psicológico não se resolve buscando uma solução ou resposta, mas apenas na compreensão do problema. Uma resposta para o problema apenas fará com que nos afastemos dele por um tempo, isso é evasão. O problema continuará lá até que seja completamente compreendido.

O pensamento que é conhecimento é incapaz de ver o mundo de forma holística ou completa, já que o conhecimento, por maior que seja, sempre será limitado. Não importa de qual área se fale, o conhecimento nunca chegará a 100%.

Conhecer a si mesmo é conhecer o conteúdo de nossa consciência, não com o objetivo de eliminá-la, modificá-la ou transcendê-la, porque, no final, quem traça esse objetivo é o mesmo “eu inferior”, que é o pensamento. Seria apenas outro truque do pensamento.

Conhecer o conteúdo da consciência é simplesmente observá-la e compreendê-la. Quando isso acontece, automaticamente deixamos de ser seres automatizados, condicionados e escravos de nossas próprias criações.

Essa tomada de consciência de nós mesmos é o princípio da inteligência que não tem nada a ver com a inteligência mecânica que a humanidade utiliza atualmente.

Quando há inteligência, o sofrimento desaparece. A terminação do sofrimento é o começo do amor e da compaixão.

Entender o conteúdo de nossa consciência é entender nossos condicionamentos. Na compreensão total de nossos condicionamentos, estes desaparecem, dando lugar a algo totalmente novo.

O conteúdo da consciência é toda a ilusão que o pensamento gera e sustenta. Somente ao compreender toda a ilusão, a verdade aparece sem convite algum.

Não é possível chegar à verdade ou ao eterno tentando compreender a verdade, mas unicamente compreendendo e descartando o falso.

Solo si se observa con libertad se puede conocer la verdad, se puede conocer si existe o no Dios. Una mente temerosa es una mente limitada que solo puede observar fragmentos. Una mente condicionada no puede ver la realidad, lo que

es, simplemente vive una vida de ilusiones arrastrada por la sociedad con todas sus propagandas.

El observar todo el proceso de la mente, del pensamiento y llegar a una comprensión que conduce a la libertad, requiere de mucha energía y de que nuestra mente no esté distraída con los múltiples entretenimientos que tenemos durante toda nuestra vida. La religión en la mayoría de los casos ha sido tomada por las personas como un gran entretenimiento que adormece nuestros sentidos, nuestra capacidad de investigación y nuestra capacidad de observar lo que es. A esta gente le falta la capacidad de inquirir en la vida misma, de cuestionar su conocimiento lo cual es el pasado y por lo tanto nunca vive de frente a la vida. Nunca enfrenta con frescura a la vida sino solo a través de sus creencias, las cuales forman una barrera entre este individuo y la vida. Y si Dios es la vida, entonces nunca lo podrán conocer.

El pensamiento que es el generador de todo miedo, de toda codicia, de toda ambición y de todo sufrimiento, es lo que forma nuestro “yo inferior”, el cual es el centro de todos nuestros pensamientos, es en sí nuestro mundo, es lo que somos. La personalidad es separatista por naturaleza para poder existir. La personalidad se reconoce a sí mismo como una individualidad separada, diferente de los demás. Constantemente repasa sus gustos, sus deseos, sus ambiciones, sus sueños. Pero toda vez que hay ese movimiento de división, lo cual ocurre todo el tiempo, entonces tiene que existir el conflicto y su consecuencia que es el dolor y sufrimiento. Si nos damos cuenta el dolor y el sufrimiento nos acompañan desde que nacemos hasta que morimos. Y estamos tan acostumbrados al sufrimiento que parece ser algo natural del cual hay que escaparse por medio de algún entretenimiento.

Es difícil imaginarse vivir una vida donde el centro de ésta no sea la personalidad, donde no hay pensamientos de división y egoísmo, de deseos de llegar a ser algo que no somos, de vivir una vida codiciosa sin límites, trabajar durante toda la vida sin saciar sus necesidades egoístas, de buscar en nuestras relaciones la sola satisfacción de los deseos sexuales y necesidades económicas, de vivir una vida llena de creencias religiosas y estúpidas tradiciones. El vivir a través de la personalidad es la negación de la vida.

Unidade 7

A verdadeira Transformação

“A transformação não ocorre no futuro, nunca pode estar no futuro. Unicamente pode ser agora, de momento a momento.”

- Krishnamurti

É um fato a evolução de todas as coisas. A transformação é o meio pelo qual se alcança essa evolução. O corpo físico denso foi se transformando através de milhões de anos até chegar ao que é hoje, uma máquina perfeita. O mesmo ocorreu com o corpo etérico, que é o que dá vitalidade ao nosso corpo físico. O corpo emocional e mental estão recém em plena transformação. Embora todos os nossos veículos inferiores estejam sempre em constante transformação, mas dois deles, que são o físico e o etérico, chegaram à ordem e estruturação desejada, não sendo assim o corpo emocional e mental, que ainda estão em sua infância, mas estão se aproximando de sua maturidade.

Todos eles conformam o que é a personalidade. Esta personalidade é a que está em constante e lenta transformação, e na maioria das vezes sendo obstruída por nossa mente.

O próprio impulso da evolução foi desenvolvendo e transformando o corpo físico e etérico sem nenhum impedimento. Não ocorre o mesmo com os outros corpos, já que a substância mental tem a capacidade de decidir e dirigir seu próprio destino. Lembrem-se da máxima esotérica “a energia segue o pensamento”. Por meio do pensamento, fomos dirigindo nosso destino, mas no entanto sem uma correta compreensão. Por isso nos distanciamos do próprio impulso da evolução focada em uma consciência superior.

A verdadeira transformação não é mudar de uma ideia para outra. Não é quebrar nossas crenças e entrar em outras. Não é derrubar nossos anteriores condicionamentos e cair em outros novos. Não é mudar de uma religião para outra nem de um Deus para outro. A verdadeira transformação é ver a verdade na verdade, o falso no falso, é ver a verdade na falsidade e ver o falso naquilo que aceitamos como verdadeiro. A percepção da verdade nos conduz à libertação e à transformação. Devido a estarmos rodeados de falsidade em nosso mundo, então temos a oportunidade de ver dia a dia essa falsidade e, desta maneira, nos transformarmos.

A verdadeira transformação não é fazer algo a respeito de alguma coisa. Não significa que, se alguém se dá conta de que é egoísta, então deva tomar alguma ação para não ser egoísta, já que ambos, ao serem extremos de uma mesma natureza, não podem se destruir um ao outro. São um par de opostos. Somente quando nos damos conta de que somos egoístas e não fazemos nada a respeito, unicamente nos observamos e compreendemos sua natureza, é que nessa compreensão deixamos de ser egoístas.

O mesmo podemos dizer sobre os condicionamentos que nos aprisionam. Se tentarmos destruir nossos condicionamentos com base em esforços, métodos impostos, disciplinas, etc., unicamente estará ou fortalecendo-os ou criando outros novos. Unicamente ao compreender nosso atual estado de condicionamento é que podemos nos libertar dele. Não fazendo algo a respeito desse condicionamento, mas unicamente percebendo a verdade disso.

A verdadeira transformação psicológica, que é o atual problema da humanidade, não é gradual, mas instantânea. Estamos acostumados a que tudo o que aprendemos, tudo o que desenvolvemos e construímos, segue um processo gradual de contínua mudança até chegarmos a ver o resultado total. No entanto, a transformação psicológica, que é o próximo passo que a humanidade tem que dar, é instantânea. Aqui parece haver uma contradição. É certo que a pessoa primeiramente tem que amadurecer sua mente antes que essa transformação psicológica possa ocorrer (que poderia ser chamada de iluminação) e o mesmo terá que ocorrer com toda a humanidade. No entanto, a transformação não vai se desenvolvendo pouco a pouco, unicamente o faz a maturidade da mente. Para ilustrar este ponto, ponhamos por exemplo as guerras, as quais sempre existiram e seguem existindo. Segundo alguns historiadores, nos passados cinco mil anos houve cinco mil guerras. O que nos leva a pensar que todos os seres que habitamos o planeta sabemos com certeza as consequências de sofrimento e dor que as guerras deixam, no entanto, deixamos que continue havendo. Não aconteceu de as guerras estarem acabando pouco a pouco através do tempo. Elas mudaram a forma de combater, mas seguem existindo. Isso vai continuar até que haja uma transformação psicológica instantânea. Hoje há guerra e no seguinte momento haverá uma paz para sempre porque se compreendeu plenamente a futilidade desta ação.

Unidade 8

A Vida é Relacionamento

"Toda relação é um espelho no qual a mente pode descobrir suas próprias operações."

- Krishnamurti

A Relação acontece com outros seres humanos, também acontece com um mesmo, com as coisas, com nossas propriedades, com nossas ideias, com a natureza, etc. Estar vivo é estar relacionado.

Por isso é de primordial importância nos darmos conta de como é nossa relação com a vida em todos os níveis. Não é possível fazê-lo através de uma análise introspectiva porque os resultados que ela apresentará serão dados por nossa memória, por nosso pensamento, e já havíamos falado anteriormente que o pensamento é o centro do eu inferior, do egocentrismo. Toda conclusão que daí sair será de acordo com a conveniência do eu inferior. Todas essas conclusões apenas reforçam a imagem que temos de nós mesmos, a qual não é a realidade.

A única maneira de ver a realidade sem nenhuma distorção é no exato momento em que a relação acontece. Nesse espelho da relação poderemos ver a nós mesmos tal e qual somos. Naturalmente, aqui precisamos acrescentar que isso será possível se nos observarmos sem nos julgar, sem nos condenar, sem nos comparar, sem nos avaliar... simplesmente observar como um observador externo.

A Relação é um conflito tanto interno quanto externo. No entanto, o conflito interno é o que se estende e se converte em um conflito no mundo. Os conflitos que existem no mundo são simplesmente os efeitos de nossos próprios conflitos. Portanto, somente através das relações poderemos ver sem nenhuma distorção nossos pensamentos e nosso estado interno.

Se captarmos a essência do que foi dito, nos daremos conta de que o problema não é o mundo, mas sim que nós o geramos em nossas relações e o que vemos é apenas o resultado de nós mesmos. O que vemos lá fora é

apenas a exteriorização de nossa própria criação. Sim, se você vê que há guerra em algum país do Oriente Médio, nós somos parte desse problema, mesmo estando a milhares de quilômetros de distância física. Nossos pensamentos fragmentados, separatistas, nacionalistas, de ódio, etc., contribuem com a exteriorização dessa força chamada guerra que ocorre em algum lugar do planeta.

Temos que nos dar conta por nós mesmos se realmente estamos contribuindo para as guerras, através de observar nossas relações com todas as pessoas que nos cercam e também com nossas próprias ideias. Fazemos separação de classes sociais? De classes econômicas? De preferências sexuais? De ideologias religiosas?

Se formos honestos conosco mesmos, nos daremos conta de que efetivamente é assim e que não tem nenhum sentido fazer reformas sociais, reformas religiosas, etc. A única reforma que devemos fazer é conosco mesmos. Então, se já não queremos contribuir mais com o caos mundial e, ao contrário, queremos contribuir de maneira positiva, certamente surgirá a pergunta: Então, o que faço e como o faço?

Eu diria que a primeira coisa que temos que fazer é observar nossas relações no dia a dia. O ato de se dar conta é muito mais importante do que tentar mudar alguma condição interna. Aqui devemos aplicar a verdadeira inteligência que é capaz de discernir e descartar o que é mau. Não através de alguma ação, mas na compreensão mesma do problema.

Raramente nos damos conta de observar nossas relações com os demais, unicamente nos damos conta dos efeitos de tais relações, ou seja, nos encontramos de repente em meio a conflitos que nem sequer nos damos conta de quando surgiram, e o mais fácil é culpar nossa esposa, nosso chefe, o presidente ou a sociedade.

Devido a não nos conhecermos a nós mesmos, de não compreendermos a vida, criamos imagens ao nosso redor como uma muralha, de modo que nos defendamos psicologicamente do mundo exterior.

Eu tenho uma imagem de mim mesmo, criei uma imagem que não é real, é uma imagem que oculta meu verdadeiro ser. Além disso, criei uma imagem de minha esposa tal como a capturei em certo momento, como se fosse uma fotografia, algo estático. Por sua vez, minha esposa tem uma imagem dela e, além disso, criou uma imagem minha. Então a relação entre ambos é uma relação entre imagens e não uma relação real. O mesmo ocorre nas relações com nossos amigos e outras pessoas. Vê o problema?

Quando me dizem algo que contradiz a imagem que criei de mim mesmo, então me sinto ferido. Por exemplo, se criei a imagem de que sou uma pessoa respeitável e famosa, e alguém a contradiz, então me zango com essa pessoa e sofro as consequências de uma má relação com ela. Se nos dermos conta, na realidade o que fica ferido é a imagem. A imagem é criada por nossos pensamentos. É possível viver a vida sem nos apegarmos a imagens?

Por outro lado, temos que nos dar conta de que raramente estabelecemos uma verdadeira relação. Sempre vivemos uma vida isolada, mesmo quando estamos cercados de milhares de pessoas, perseguindo unicamente nossos propósitos egoístas sem se importar com o que os demais querem. Viver fechado em nossa própria ambição ajuda a construir uma imagem dentro de nós e, em consequência, a relação com outros se estabelece por meio dessa imagem. Como pode haver relação se cada um está perseguindo seu próprio sucesso e sua própria realização? Estamos tão condicionados a fazer isso que nos parece o mais normal agir desta forma, no entanto, os resultados nos demonstram o quão equivocados estamos.

Se não aplicarmos a observação, a atenção e a compreensão, não conseguiremos ver o que realmente está ocorrendo com nossa vida, que é uma constante relação, e se o resultado dessa relação é o conflito, então nossa vida é um constante conflito.

A primeira coisa que temos que observar é nossa relação com os demais no dia a dia. Ao fazê-lo, descobriremos que cada um está vivendo em seu próprio mundo de ambição, cobiça, medo, desejo de sucesso, etc., buscando segurança psicológica e dependendo do outro para seu conforto, para seu prazer e sua necessidade de companhia. E ao nos sentirmos tão sós e isolados, precisamos que nos queiram, que nos estimem e cada um tenta dominar os outros.

A verdadeira relação não é a de se manter unido por alguma desculpa. Muitos casais estão juntos pelos filhos e por outras obrigações, mas isso não é uma relação no sentido que estamos tratando. Durante todos os dias ambos perseguem seus próprios interesses e sua parceira só serve para obter algo dela. O casamento se tornou mais um convênio que não serve para outra coisa a não ser para satisfazer as necessidades de um. Somos tão egoístas que nem sequer pensamos no que nossa parceira realmente quer. Somos com nossa parceira como os trilhos de um trem, que, embora estejam juntos, nunca se unem em nenhum ponto. Sempre andam em paralelo.

Se lhe parece que estou dizendo puras coisas negativas, é porque simplesmente é assim a atual realidade das relações humanas. Novamente, o importante é ver o que realmente é e não o que gostaríamos que fosse. A única possibilidade de chegar a ter as corretas relações humanas é compreendendo as atuais equivocadas relações e descartando-as. A verdadeira relação é a unidade completa e incondicional com a outra pessoa, não é estar unido em um projeto ou objetivo, é “ser um” com a outra pessoa. Só quando há verdadeira relação pode haver amor, e se há amor, não pode haver separatividade. Pode haver amor quando não há relação? Só quando existirem corretas relações humanas, se poderá falar de uma verdadeira paz, harmonia e amor.

Unidade 9

Compreendendo a Morte

“A morte não é o oposto da vida, não é a negação da vida, é a continuação desta.”

- Krishnamurti

A morte significa renovação, uma total mutação na qual os pensamentos totalmente já não funcionam. Os pensamentos são tudo o que é velho, já que se formam a partir da atividade da memória, e na memória unicamente se encontram todas as experiências velhas. Mas quando há morte, há algo totalmente novo.

Estamos acostumados a ver a morte como um evento final quando deveria ser um evento a cada momento de nossa vida. Se isso fosse possível, então sempre estaríamos vivendo a vida de uma maneira fresca, inocente e sem nenhum tipo de problemas psicológicos.

Para ilustrar um pouco, podemos recorrer a exemplos que vemos constantemente seja ao nosso redor ou através de documentários televisivos, onde pessoas que sofreram algum tipo de acidente grave e estiveram a ponto de perder suas vidas, mudaram radicalmente suas vidas, valorizando agora aquilo que antes não davam a devida importância, tal como sua família, sua saúde, seu tempo, sua vida mesma e deixando para trás suas obsessões e seus móveis egoístas. Pode-se dizer que começaram a viver de novo como se fossem outra pessoa, com outra visão da vida depois de ter experimentado “a morte”. Naturalmente não me refiro a uma experiência esotérica da morte, mas a uma morte psicológica, a um momento onde se avalia tudo o anterior, pondo um ponto final para voltar a começar de uma forma fresca, mas conservando a experiência passada.

No caso anterior, é como se esta pessoa tivesse vivido duas vezes com um mesmo corpo físico. Agora a pergunta é, teremos que esperar que nos ocorra um acidente ou algo similar para que voltemos a nascer em vida? Será possível que por nossa própria vontade possamos viver não só duas vidas em uma, mas centenas ou milhares de vidas com um mesmo corpo? Agora podemos complicar a coisa um pouco mais nos fazendo a seguinte pergunta: Será possível aplicar a morte a cada instante de nossa vida de modo que nada acumulemos e que vivamos no eterno presente e, portanto, alcancemos a imortalidade em vida?

Naturalmente existe a morte física do organismo, mas já havíamos visto anteriormente que nós não somos o veículo físico (nem o emocional e mental). São apenas os veículos de expressão da alma por um determinado tempo para obter as experiências necessárias nesses três mundos. A morte é sabiamente aplicada pela natureza de modo que se dá um ponto final a toda a acumulação

que fizemos de nossas tendências, prazeres, hábitos, idiossincrasias, experiências, etc., etc. Para que em um futuro regressemos novamente ao plano físico de uma forma renovada, nova e com uma nova oportunidade de aprendizagem. Imaginam o que aconteceria se não existisse a morte tal como a conhecemos? Nossos padrões mentais e emocionais estariam tão “endurecidos” que não teríamos oportunidade de evoluir como sociedade nem como indivíduos. Seria uma resistência completa à mudança.

A morte não é o oposto da vida, não é a negação da vida, é a continuação desta.

Se entendemos a morte a partir de seu verdadeiro ângulo, nos daremos conta de sua tremenda importância e estaremos dispostos a aplicar em nossa vida a morte a tudo o que é velho, a tudo o que nos ata ao plano material, dar morte aos nossos desejos egoístas, dar morte ao nosso sofrimento, aos nossos medos, etc.

Tudo na natureza e no universo está regido pelos ciclos de vida e morte, onde esta última é a renovação da primeira.

Unidade 10

Palavras Finais

“Solamente cuando no tienes una razón de ser pacífico, es que tendrás paz.”

- Krishnamurti

Se nós tivéssemos compreendido e percebido de forma direta a imensidão da vida, a esse tremendo movimento universal de amor e compaixão, a essa força ou energia Única que se manifesta em múltiplas formas, como poderíamos explicá-lo em palavras a pessoas que não tiveram essa mesma percepção? É fácil compreender o significado desta pergunta quando recordamos algum momento que tivemos de êxtase ou imensa felicidade, por exemplo quando vimos (pelo menos pela primeira vez) um pôr do sol na praia ou na montanha, quando tivemos algum êxito importante, etc. Como poderíamos descrever esse êxtase a outra pessoa que talvez não o tenha experimentado? E muito mais ainda, como poderíamos indicar-lhe “o caminho” para que consiga o mesmo que nós? Nem sequer temos uma linguagem apropriada para falar de coisas que não são físicas. Krishnamurti se enfrentou com este problema de mostrar ou assinalar à humanidade o caminho para a liberdade, onde só em liberdade se termina o sofrimento e a dor, e nasce o amor e a inteligência. Decidiu entregar sua vida inteira para tentar assinalar à humanidade que sim é possível viver em um “novo” estado de consciência. Isso o fez através de dar palestras por mais de 60 anos, polindo cada vez mais sua linguagem.

Krishnamurti vai à essência do problema, a tratar com as causas. De nada serve descrever aquilo que está mais além da consciência humana. Essa descrição seria unicamente um condicionamento a mais e não teria nada a ver com a realidade. Krishnamurti é claro ao tratar de que foquemos nossa atenção em nossas relações diárias e assim descubramos e compreendamos por nós mesmos nossos condicionamentos, nossos temores, nosso materialismo, nossa busca por segurança, nosso egoísmo, etc. É nessa compreensão que nos liberamos de “forma instantânea” e não através de uma análise introspectiva ou análises psicológicas. Krishnamurti não nega a existência de Deus, nem a existência de uma Hierarquia de Seres de Sabedoria que estão por trás da evolução da humanidade, nem a vida depois da morte, nem a reencarnação. Mas como afirmar algo que são apenas conceitos e palavras na mente da humanidade “não desperta” e que estes conceitos fazem mais dano que bem? Primeiro, conheçamo-nos a nós mesmos e depois chegaremos a conhecer aquilo que está por trás de toda aparência física. Pelo menos é o que creio por agora.

Ivan Maldonado
Sob o signo de Capricórnio
Ano 2003